



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - INGLÊS**

MATHEUS MAFRA PEREIRA

**O SOBRENATURAL EM “SLEEPY HOLLOW”: UMA
ANÁLISE COMPARADA DO CONTO "A LENDA DO
CAVALEIRO SEM CABEÇA", DE WASHINGTON IRVING, E SUA
ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA**

**SANTARÉM -PA
2022**

MATHEUS MAFRA PEREIRA

**O SOBRENATURAL EM “SLEEPY HOLLOW”: UMA
ANÁLISE COMPARADA DO CONTO "A LENDA DO
CAVALEIRO SEM CABEÇA", DE WASHINGTON IRVING, E SUA
ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras– Inglês como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação. Orientador: Prof. Dr. Elder Kôei Itikawa Tanaka.

**SANTARÉM –PA
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFOPA Catalogação de
Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Unidade Rondon

Pereira, Matheus Mafra.

O sobrenatural em "SLEEPY HOLLOW": uma análise comparada do conto "A lenda do cavaleiro sem cabeça", de Washington Irving, e sua adaptação para o cinema / Matheus Mafra Pereira. - Santarém, 2022.

27fl.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia).Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. Instituto de Ciências da Educação-ICED. Licenciatura em Letras- Inglês.

Orientador: Elder Kôei Itikawa Tanaka.

MATHEUS MAFRA PEREIRA

**O SOBRENATURAL EM “SLEEPY HOLLOW”: UMA
ANÁLISE COMPARADA DO CONTO "A LENDA DO
CAVALEIRO SEM CABEÇA", DE WASHINGTON IRVING, E SUA
ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Letras-Inglês como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação. Orientador: Prof. Dr. Elder Kôei Itikawa Tanaka.

Conceito: APROVADO

Data de Aprovação: 04/07/2022

Prof. Dr. Elder Koei Itikawa Tanaka (Orientador)
Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof.^a Dr. Fabiana Valeria da Silva Tavares
Universidade de São Paulo

Esp. Jéssica Maria Sampaio de Lima
Universidade Federal do Oeste do Pará

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus, por me permitir chegar até aqui e por me abençoar durante minha trajetória, me dando forças e fé para continuar. Eu também agradeço aos meus pais, Francisco Josivaldo e Lilian Oneide por sempre acreditarem em mim, me apoiarem e incentivarem meus estudos. Agradeço imensamente todo o carinho e amor que recebo da minha família, seus ensinamentos sempre estarão comigo. Aos meus irmãos, Filipe Mafra e Marcos Mafra pela amizade e companheirismo. Agradeço aos meus amigos que estiveram comigo desde sempre.

A minha imensa gratidão à Ufopa, por ter me recebido de braços abertos, me apresentando o valor do conhecimento e a importância de viver em um mundo mais justo e igualitário. Sinto orgulho de ter feito parte desta instituição tão valorosa para o estado do Pará. A todos os professores do curso que tive a oportunidade de conhecer, capazes de não só ensinar, mas também de inspirar seus alunos através de seu conhecimento.

Um agradecimento especial ao meu professor orientador Elder Tanaka, por me mostrar o valor da literatura em nossa vida, e por desde início se mostrar disposto a me ajudar neste trabalho, compartilhando de suas visões, sugestões e críticas construtivas que me permitiram seguir com meu objetivo, sou grato pela sua paciência e pelos valiosos ensinamentos. Por fim, aos amigos que fiz durante a graduação, por todos os bons momentos e dificuldades que enfrentamos juntos, gratidão a cada um que me ajudou nessa jornada.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar, por meio de um estudo comparativo, o conto *The Legend of Sleepy Hollow*, do autor norte-americano Washington Irving (1783-1859), e a adaptação cinematográfica *Sleepy Hollow* (1999), do diretor Tim Burton, levando em consideração o sobrenatural configurado na figura do Cavaleiro sem Cabeça, bem como as versões do protagonista Ichabod Crane apresentadas em ambas as obras. Buscou-se compreender de que maneira os processos de adaptação modificaram e adicionaram elementos na narrativa mediante as teorias de Hutcheon (2006), Stam (2000) e Sanders (2006). Por fim, conclui-se o papel do filme e do diretor Tim Burton na valorização de Washington Irving e sua obra.

Palavras-chave: *Sleepy Hollow*. Sobrenatural. Adaptação cinematográfica. Washington Irving. Literatura comparada.

ABSTRACT

This article aims to analyze, through a comparative study, the short story *The Legend of Sleepy Hollow*, written by the American author Washington Irving (1783-1859), and the cinematographic adaptation *Sleepy Hollow* (1999), directed by Tim Burton, considering the supernatural configured in the Headless Horseman, as well as the versions of the protagonist Ichabod Crane presented in both works. We sought to understand how the adaptation processes modified and added elements to the narrative through the theories of Hutcheon (2006), Stam (2000) and Sanders (2006). At last, the role of the film and director Tim Burton in enhancing Washington Irving and his work.

Keywords: Sleepy Hollow. Supernatural. Cinematographic adaptation. Washington Irving. Comparative literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	13
Figura 2-	17
Figura 3-	18
Figura 4-	21
Figura 5-	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O CONTO DE IRVING E O FILME DE BURTON	11
3. O SOBRENATURAL EM FOCO: O CAVALEIRO SEM CABEÇA	15
5. ICHABOD CRANE: DO FRACASSO AO HEROÍSMO.....	20
6. A ADAPTAÇÃO COMO VALORIZAÇÃO	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
8. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Em seu renomado conto *The Legend of Sleepy Hollow*, escrito e publicado no ano de 1820 na coleção *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent*, autor estadunidense Washington Irving (1783-1859) utiliza o elemento sobrenatural, configurado pela figura do fantasma do Cavaleiro sem Cabeça e de sua lenda, como um aspecto passível de análise nas esferas literária, histórica e cultural. O sobrenatural, que sempre cumpriu um papel importante na arte e na literatura, é capaz de nos fascinar e fazer com que revisitemos sentimentos primitivos, como o medo. Irving explora em seu conto um mundo colorido pela crença no fantástico e na presença de criaturas místicas em lugares selvagens e isolados, reflexo do período literário romântico. Séculos depois, sob o olhar cinematográfico do cineasta Tim Burton, a adaptação *Sleepy Hollow* (1999) chega às telas de cinema, trazendo consigo uma visão mais criativa e menos romantizada deste sobrenatural ao introduzir a figura do cavaleiro como um assassino brutal e implacável.

Neste artigo, analisamos, de modo comparado, ambas as obras, levando em consideração a trama, seus personagens, e o elemento sobrenatural. Se, do lado literário, este é tratado de modo ambíguo e passível de descrença, do outro, temos uma total personificação desse componente na trama, onde a figura do Cavaleiro sem Cabeça é reinventada e seu embate com o protagonista Ichabod Crane é levada a outro nível. O processo de adaptação literária para o cinema carrega a missão de decodificar e transformar o texto do autor em um novo produto. Dessa forma, buscamos entender, à luz das teorias de adaptação de Hutcheon (2006), Stam (2000), e Sanders (2006), de que maneira Tim Burton explora, no cinema, o sobrenatural proposto por Washington Irving em seu conto, e o modifica por meio de suas convicções. A compreensão do valor histórico da obra literária para os Estados Unidos da América, tal como a valorização de *Sleepy Hollow* e de seu universo, é examinada mediante a adaptação fílmica, que homenageia através do tempo a memória de seu autor.

2. O CONTO DE IRVING E O FILME DE BURTON

Nascido no ano de 1783, na cidade de Nova York, Washington Irving carrega consigo o título de primeiro escritor profissional dos Estados Unidos, pois foi o primeiro deles a obter fama e um certo lucro nesta ocupação. Porém, durante sua vida, Irving não se limitou apenas a esse segmento, cumprindo também o papel de historiador, biógrafo e diplomata. Seus escritos contavam com a presença de pseudônimos como Jonathan Oldstyle, Geoffrey Crayon e Diedrich Knickerbocker, e carregavam tons de sátira para abordar política e história. Segundo Leary (1963, p. 7), Irving usava da voz de Knickerbocker para falar sobre estes temas de um modo mais áspero e crítico, enquanto com Crayon ele era decoroso e polido, servindo como uma ponte de boa vontade entre o novo e o velho mundo. O trabalho que mudou tanto sua carreira como a visão que a Europa tinha da ex-colônia dos Estados Unidos foi publicado pela primeira vez em 1820. Nesse período, havia um claro desdém da Europa em relação às produções literárias oriundas do novo país, refletidas em opiniões de críticos como Sidney Smith para o periódico *Edinburgh Review*, no qual questionava retoricamente: “Quem lê um livro americano?” (BELOK, 1967, p. 39, tradução nossa).¹

Esta questão, coincidentemente, fazia parte de um momento de despertar nacionalista entre os americanos. Após a guerra Anglo-americana de 1812, na qual os Estados Unidos resistiram militarmente ao poderoso exército do Reino Unido e suas colônias, houve um aumento expressivo no sentimento de orgulho e patriotismo do povo estadunidense. Neste contexto, surge o livro *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent*, uma coletânea de contos publicada por Irving em 1820, escrita durante seu período na Europa, onde o autor teve a oportunidade de aprender novos idiomas e viver em grandes cidades como Londres, Paris e Liverpool. O contato com a sociedade europeia no início de sua carreira resultou em influências literárias positivas. Irving conheceu Sir Walter Scott (1771-1832), renomado escritor britânico com o qual firmou amizade. Para Oliveira (2018, p. 19), a obra de Irving, considerada única para o seu tempo, foi encorajada por Scott, e trouxe consigo um conjunto de vivências do autor americano, sendo seus personagens e descrições fruto de sua memória e infância. *The Sketch Book* apresentou ao mundo dois contos memoráveis: *The Legend of Sleepy Hollow* e *Rip Van Winkle* – ambos representações do florescer de uma nação em busca de sua própria identidade e

¹ Do original: “Who reads an American book?” (BELOK, 1967, p. 39)

cultura. *The Sketch Book* rapidamente alcançou o rótulo de *best-seller* internacional da época.

A importância do *Sketch Book* em nossa história literária, especialmente em termos da luta pelo reconhecimento da literatura americana, foi documentada, e à "Rip" e "Sleepy Hollow" foram concedidos um amplo e variado conjunto de interpretação crítica. (RUBIN-DORSKY, 1985, p. 339, tradução nossa)²

Washington Irving foi, então, declarado pai do conto americano, sendo reconhecido pela difusão inicial desta forma literária no Estados Unidos. O conto se caracteriza por uma narrativa curta e precisa que, por possuir um espaço limitado para o desenvolvimento da narrativa, exige do escritor certa habilidade de concisão. Em seu ensaio "A Filosofia da Composição", publicado em 1846, o renomado escritor Edgar Allan Poe (1809-1849) argumenta, por meio da teoria da unidade do efeito, que o conto é uma obra que pode ser desfrutada em apenas uma sentada, possibilitando ao leitor um breve escape da realidade. No caso de Irving, a relevância de seus contos se explica pelos elementos fantásticos e satíricos nas tramas, que representavam a literatura dos Estados Unidos no século XIX.

Em *The Legend of Sleepy Hollow*, temos a aventura do protagonista Ichabod Crane, enviado a um assentamento holandês às margens do rio Hudson. Crane é um mestre-escola forasteiro que se mudou do estado de Connecticut para Sleepy Hollow com a missão de educar os mais jovens, cumprindo, assim, um importante papel na comunidade. Seu desejo pela mão da jovem herdeira Katrina Van Tassel, filha de um rico fazendeiro, se transforma em uma disputa quando o presunçoso Brom Bones também demonstra interesse em casar-se com a moça. Em segundo plano, existem as assombrações e mistérios que pairam sobre a atmosfera do lugar. Nesse contexto, o fantasma de um cavaleiro decapitado ganha relevância dentro da trama. No icônico desfecho do conto, Ichabod Crane é perseguido pelo Cavaleiro sem Cabeça, logo após ser rejeitado por Katrina e, misteriosamente, desaparece na noite. No fim, revela-se a possibilidade de Bones ser responsável por se disfarçar e assustar o mestre-escola para longe. Para o leitor resta a dúvida: seria o Cavaleiro sem Cabeça realmente um fantasma ou apenas uma armação?

² Do original: "The importance of the *Sketch book* in our literary history, especially in terms of the struggle for the recognition of American literature, has been documented, and "Rip" and "Sleepy Hollow" have both been accorded a wide variety and range of critical interpretation." (RUBIN-DORSKY, 1985, p. 339)

A presença da ambiguidade deixa o leitor com uma compreensão fragmentada dos acontecimentos da história que se divide em possibilidades: entre o natural e o sobrenatural. A tensão da história resulta do uso do ambiente natural por Irving enquanto ele cria esta lenda americana. (CRAWFORD, 2020, p. 2, tradução nossa)³

Smith (2001, p. 174), em seu artigo que destaca a ambiguidade que cerca a figura do Cavaleiro sem Cabeça na obra de Washington Irving, argumenta que a dúvida se a criatura é Brom Bones ou um espectro faz com que a narrativa seja mais convincente, e a coloca na vanguarda das histórias de fantasma americana. Sendo assim, a ambiguidade não é só parte importante da trama, como também é responsável por torná-la emblemática e autêntica.

É importante lembrar que, embora a explicação sobrenatural possa parecer para alguns leitores uma explicação mais emocionante, ainda é apenas uma possível explicação. De fato, se a explicação natural não fosse igualmente plausível em muitos aspectos, o conto de Irving perderia essa ambiguidade, que o torna tão convincente. (SMITH, 2001, p. 180, tradução nossa)⁴

O sobrenatural proposto por Washington Irving carrega possibilidades que podem ou não alternar as versões sobre o natural e o sobrenatural construídas na mente do leitor. O benefício da dúvida, por si só, caracteriza a relevância da história através do tempo. Portanto, é preciso certa cautela ao buscar uma resposta definitiva quanto à natureza da obra literária de Irving. Por outro lado, a adaptação *Sleepy Hollow*, de Burton é sombria e sangrenta o bastante para transformar o conto de Irving em um verdadeiro terror cinematográfico.

Nascido no ano de 1958, no estado da Califórnia, Timothy “Tim” Walter Burton iniciou sua carreira nos estúdios Disney, onde trabalhou por alguns anos até resolver sair, sentindo-se frustrado pela falta de liberdade criativa. Sua fascinação pelo horror e pelo grotesco, iniciada ainda na infância, não permitia padrões limitantes. Seus primeiros curtas-metragens, criados aos treze anos, foram influenciados pelos filmes de

³ Do original: “The presence of ambiguity leaves the reader with a divided understanding of the story’s events that is divided among possibilities: between the natural and the supernatural. The story’s tension results from Irving’s use of the natural environment as he creates this American legend.” (CRAWFORD, 2020, p. 2)

⁴ Do original: “It is important to remember that while the supernatural explanation may appeal to some readers more exciting explanation, it is still only a possible explanation. Indeed, if the natural explanation were not equally plausible in many ways, Irving’s tale would lose that ambiguity which makes it so compelling.” (SMITH, 2001, p. 180)

terror clássicos das décadas de 1930 e 1940. Burton assistia a filmes em preto e branco, repletos de monstros e criaturas mágicas, desde ficção científica a contos de fada, que serviriam, posteriormente, de fonte para suas ideias futuras, culminando em obras como “O Estranho Mundo de Jack” (1992), “Edward Mãos de Tesoura” (1990), “Marte Ataca” (1997) e “A Fantástica Fábrica de Chocolate” (2005).

Essa criatividade exuberante, arrancada da maioria de nós pelo conformismo e as responsabilidades da vida adulta, criou um mundo de sonhos sombrios e pesadelos coloridos, um mundo que podemos experimentar ocasionalmente através dos filmes de Tim Burton. (WOODS, 2011, p. 7)

A genialidade do cineasta é empregada em *Sleepy Hollow* à medida em que utiliza os elementos sobrenaturais do conto, principalmente no que diz respeito à figura do Cavaleiro sem Cabeça, dessa vez, explorada mais a fundo. O filme de Burton desconstrói o contexto vibrante proposto por Irving, e transforma o vale e a comunidade em um cenário pálido e obscuro, onde quase toda cor vem da luz do fogo ou do sangue que espirra das vítimas do cavaleiro. Os elementos do horror se complementam com tons góticos nos efeitos especiais, trazendo uma sensação de tensão no espectador. Sendo assim, a adaptação *Sleepy Hollow* traz consigo um caráter muito mais sombrio e criativo da narrativa, e a ambiguidade do sobrenatural é excluída completamente.

O diretor Tim Burton transforma o Cavaleiro sem Cabeça (Christopher Walken) em um sangrento assassino em série, Katrina Van Tassel (Christina Ricci) em uma bruxa, e Ichabod Crane (Johnny Depp) em um detetive de Nova York, convocado para investigar os assassinatos recorrentes na região de Sleepy Hollow. Na adaptação, Crane e Katrina derrotam juntos o cavaleiro, se apaixonam, e formam um casal no final da história. Essas mudanças de paradigma refletem as muitas formas de moldar uma obra literária ao cinema, como defende Robert Stam: “Assim como qualquer texto pode gerar um número infinito de leituras, qualquer texto poder gerar inúmeras adaptações” (STAM, 2000, p. 63, tradução nossa).⁵

Tim Burton conduz sua produção aprofundando a vida de Ichabod Crane e suas motivações por meio de *flashbacks* de seu passado, fato esse que culmina em um distanciamento do personagem literário, bem como de todo o universo de Irving. De acordo com Hutcheon (2006) “Adaptações de contos têm de expandir consideravelmente

⁵ Do original: “Just as any text can generate an infinity of readings, so any novel can generate any number of adaptations.” (STAM, 2000, p. 63)

seu material de origem” (p. 19, tradução nossa)⁶. Tendo em vista o texto-fonte como inspiração, o adaptador busca, por meio de sua criatividade, explorar novos aspectos presentes na trama, que podem ser modificados ou excluídos em nome da criação de um novo produto.

Portanto, a escolha do diretor de adaptar *The Legend of Sleepy Hollow* para o cinema trouxe consigo a necessidade de converter diversos elementos em novas concepções, seja alterando os personagens e seus atributos, ou expandindo a atmosfera sobrenatural em nome do estabelecimento de uma nova obra. A adaptação cinematográfica se utiliza dessas ligações em torno do elo sobrenatural para compor uma narrativa pautada na valorização do conto, permitindo ao espectador a oportunidade de desfrutar de uma nova experiência.



Figura 1 – Ichabod Crane chega a Sleepy Hollow. (*Sleepy Hollow*, 1999)

3. O SOBRENATURAL EM FOCO: O CAVALEIRO SEM CABEÇA

O certo é que o lugar permanece sob o poder de uma espécie de encantamento, que mantém domínio sobre a mente daquela gente boa, fazendo com que andem num devaneio contínuo. (IRVING, 2020, p. 33)

Ao vislumbrar o início da narrativa de Washington Irving, temos uma minuciosa descrição do vale do rio Hudson. A exuberância da natureza é refletida nas

⁶ Do original: “Short story adaptations have had to expand their source material considerably.” (HUTCHEON, 2006, p. 19)

árvores do bosque, no canto dos pássaros, e na abundante presença de riachos e lagos. No entanto, *Sleepy Hollow* vai além disso: é, na verdade, um lugar místico, dominado por superstições e crenças, advindas de seu próprio povo. Toda essa contextualização, misturada ao gótico, é reflexo do período literário do escritor, como aponta Quinn (1910) em seu artigo sobre o sobrenatural na literatura americana:

O sobrenatural na literatura americana pertence, portanto, principalmente ao século XIX, e pode ser encontrado em sua forma artística, na música, no romance e no conto, embora também tenha sido introduzido no épico e no drama. (QUINN, 1910, p. 115, tradução nossa)⁷

O uso do gótico na literatura dos Estados Unidos encontrou um campo fértil em mentes brilhantes como a de Edgar Allan Poe (1809-1849), Nathaniel Hawthorne (1804-1864) e, posteriormente, H.P. Lovecraft (1890-1937). Estes autores contribuíram para o gênero através de seus trabalhos envolvendo o uso do sobrenatural, incluindo fantasmas, fenômenos paranormais, monstros e ficção científica para contar suas histórias. O constante embate entre o racional e o irracional, o puro e o impuro, o natural e o inatural, fizeram parte desta forma literária e proporcionaram uma base sólida aos escritores futuros.

A América do Norte, além de herdar o folclore mítico europeu, tinha um fundo adicional de associações fantásticas de onde sacar: assim, lendas espectrais já eram reconhecidas como um tema fértil de literatura. [...] e o tratamento mais leve dado por Washington Irving a temas irrealis rapidamente tornara-se clássico. (LOVECRAFT, 2007, p. 95)

Determinado a explorar o aspecto insólito na trama, o narrador de *The Legend of Sleepy Hollow* descreve a região com um ar controlado pelo sobrenatural, que influencia todos aqueles que o respiram por um determinado período. “São propensos a todo tipo de crenças maravilhosas, sujeitos a transe e miragens, têm estranhos vislumbres e ouvem música e vozes no ar.” (IRVING, 2020, p. 34). A comunidade de *Sleepy Hollow* é repleta de histórias locais, pesadelos e lugares amaldiçoados. Seu povo teoriza sobre feitiços lançados por chefes de tribos indígenas e maldições advindas dos tempos de colonização, como sendo possíveis explicações para os fenômenos. Sendo assim, essas

⁷ Do original: “The supernatural in American literature belongs, then, mainly to the nineteenth century, and is to be found in its most artistic form in the lyric, the romance, and the short story, though it has also been introduced into the epic and the drama.” (QUINN, 1910, p. 115)

histórias são a principal pauta entre os moradores em reuniões e conversas particulares. Todos acreditam em fantasmas e nas criaturas que assombram o lugar. Dentre todas essas manifestações, uma se destaca, sendo descrita pelo narrador como “O principal espírito [...], que assombra essa região encantada, e parece estar no comando em chefe de todos os poderes do ar, é a aparição de uma figura a cavalo, sem cabeça.” (IRVING, 2020, p. 34).

O fantasma do Cavaleiro sem Cabeça é supostamente um soldado Hessiano⁸ que foi decapitado por uma bala de canhão na guerra revolucionária dos Estados Unidos. Sua motivação principal é recuperar o membro perdido e, para isso, assombra a região, assustando os viajantes nas estradas em seu cavalo. Mesmo sendo posto como um personagem importante dentro do cenário no início da narrativa, o fantasma é jogado para segundo plano, para dar lugar a um foco em Ichabod Crane, o professor forasteiro que ensinava os mais jovens e estava interessado na mão da jovem Katrina Van Tassel. Para Smith (2001, p. 175), essa tendência de ignorar o Cavaleiro sem Cabeça como um dos personagens principais no conto pode ser atribuída à visão geral do leitor, que tende a aceitar a figura do espectro como sendo, na verdade, o rival Brom Bones, que se valera do momento de rejeição de Crane para afastá-lo de vez.

A questão da ambiguidade chega a ser considerada frágil, levando em conta as constantes investidas de Brom Bones contra o professor, e pelo fato de o narrador descrever Bones como um exímio cavaleiro que ri ao saber do desaparecimento de Ichabod Crane ao final do conto. Para além disso, o Cavaleiro sem Cabeça de Washington Irving pode ser considerado um adereço narrativo, que foi usado para justificar o destino do protagonista do conto, restando apenas a reafirmação da crença do vilarejo no sobrenatural, e a vitória de Brom Bones na disputa pela mão de Katrina. Charles Crow (2013,) em seu livro sobre o gótico na literatura americana, afirma que *The Legend of Sleepy Hollow* não deve ser considerado um conto gótico, pois seu tom satírico e ironia mantêm o leitor longe da ação. O autor, então, o define como “uma sofisticada história sobre narrativas góticas” (p. 162, tradução nossa)⁹, o que se reflete nos repetitivos relatos que os personagens contam uns aos outros. Desse modo, é possível observar de perto a

⁸ De acordo com o *Encyclopedia*, os hessianos eram um grupo de soldados auxiliares alemães contratados pela Coroa Britânica em 1776 para ajudá-los a acabar com a rebelião colonial americana. Ao todo, aproximadamente 30.000 Hessianos eventualmente serviriam na América do Norte durante a Revolução Americana (tradução nossa). (Fonte: <https://www.encyclopedia.com/history/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/hessians>. Acesso em: 29 mar. 2022.)

⁹ “It is a sophisticated story about gothic storytelling” (CROW, 2013, p. 162)

forma como o contexto cultural afeta os moradores, em especial Ichabod Crane ao tomar conhecimento do cavaleiro de Hollow.

A adaptação cinematográfica caminha por vias mais sombrias no que diz respeito ao fantasma. O temido Cavaleiro sem Cabeça é, certamente, o centro das atenções, visto que sua adição no filme é genuína. Interpretado em sua forma com rosto pelo ator Christopher Walken, a figura é, sem dúvidas, uma das maiores divergências entre o texto literário e sua adaptação. Sua aparência, com dentes afiados e olhar furioso, é digna de um vilão voraz. A transformação do personagem vai além do papel de um mero assassino em série, uma vez que suas ações são influenciadas por uma pessoa de carne e osso. Nos é revelado que a culpada é Lady Van Tassel (Miranda Richardson), madrasta de Katrina, uma feiticeira poderosa que, ao roubar a cabeça do cavaleiro de seu túmulo, assume o controle do espectro. A personagem busca vingança contra os ricos poderosos da região, que no passado condenaram sua família ao exílio ao se apossarem das terras de seu pai. Determinada a cumprir seu plano, ela se infiltra na casa dos Van Tassel.

A adição de elementos de bruxaria na adaptação contribui para o estabelecimento do sobrenatural na trama, abrindo margens para a alusão histórica a uma das maiores crises relacionadas ao medo do desconhecido na história americana. A caça às bruxas na cidade de Salem, Massachusetts, em 1692, resultou na morte de dezenas de inocentes por conta de crenças religiosas. No filme, temos o exemplo da própria mãe de Ichabod Crane, que é morta friamente por seu marido puritano. Entretanto, a adaptação fílmica se preocupa em estabelecer uma diferença importante no que se refere às bruxas, abrindo exceções quanto à natureza de suas intenções. Fica claro que existem aquelas que usam da magia em prol do bem para proteger as pessoas e, obviamente, aquelas que a usam para praticar o mal.

No caso da personagem Katrine Van Tassel, temos a figura da bruxa boa que age pelo desejo de resguardar sua família e Crane, fazendo uso de símbolos de proteção por intermédio de seus conhecimentos místicos. No entanto, isso não interfere no preconceito que ela sofre por parte da comunidade e ou de Crane que, em determinado momento, conclui equivocadamente que a culpa pelo aparecimento do Cavaleiro sem Cabeça seja de Katrine.



Figura 2 – Lady Van Tassel realiza ritual de invocação do Cavaleiro. (Sleepy Hollow, 1999)

A construção da narrativa embasada nesses componentes torna possível estruturar um contexto que permite incluir a lenda do Cavaleiro sem Cabeça em um novo universo, tornando, assim, sua aparição na narrativa perfeitamente explicável ao espectador, mesmo que por meio de aspectos de igual modo insólitos. O embate entre religião e ciência, bem e mal, são misturados ao enredo para compor uma obra completa. No que tange ao Cavaleiro, Tim Burton toma a liberdade de aprofundar o personagem, dando-lhe um enredo próprio e um passado sombrio. Motivado por uma missão que vai muito além de cortar cabeças, o fantasma almeja a libertação do feitiço que o aprisiona.

Nas palavras de Hutcheon (2006, p. 8), o processo de adaptação é também de apropriação e salvamento, numa tentativa de dar novo significado a um texto. A intertextualidade da adaptação se torna parte do conhecimento público que temos de uma história, e o resultado é a expansão do entendimento de adaptações posteriores, mediante as anteriores.

Para o leitor, espectador ou ouvinte, a adaptação como adaptação é, inevitavelmente, um tipo de intertextualidade se o receptor está familiarizado com o texto adaptado. É um processo dialógico contínuo [...] em que comparamos o trabalho que já conhecemos com o que estamos experienciando. (HUTCHEON, 2006, p. 21, tradução nossa)¹⁰

¹⁰ Do original: “For the reader, spectator, or listener, adaptation as adaptation is unavoidably a kind of intertextuality if the receiver is acquainted with the adapted text. It is an ongoing dialogical process [...] in

Temos, portanto, um novo sobrenatural na visão de Burton, pautado no horror e no gótico, diferentemente do visto no conto de Irving, que o utiliza como um dos adereços de sua narrativa, mas não como destaque absoluto. Inevitavelmente, ao nos depararmos com a adaptação cinematográfica de uma obra literária, tendemos a comparar as versões que se alteram nas noções pré-existentes que possuímos do texto-fonte, acarretando em um julgamento automático que pode vir a ser responsável por condenar ou enaltecer determinadas adaptações de modo equivocado.



Figura 3 – O cavaleiro recupera seu crânio roubado. (Sleepy Hollow. 1999)

5. ICHABOD CRANE: DO FRACASSO AO HEROÍSMO

O autor Washington Irving descreve Ichabod como um forasteiro longe de sua terra natal, cumprindo uma nobre missão em Sleepy Hollow: educar os mais jovens da comunidade. Sua aparência é um ponto importante a se destacar, uma vez que é quase caricata. O narrador não poupa adjetivos marcantes para retratar o professor, e o tom de humor da descrição é notável:

Era alto, mas extremamente delgado, de ombros estreitos, braços e pernas compridos, mãos que pendiam um quilômetro além das mangas, pés que

which we compare the work we already know with the one we are experiencing.” (HUTCHEON, 2006, p. 21)

poderiam ter servido como pás, [...]. A cabeça era pequena e achatada no alto, com orelhas enormes, olhos grandes, [...], e um longo nariz de narceja, de modo que parecia um galo dos ventos empoleirado em seu pescoço de vareta para informar em que direção soprava a brisa. (IRVING, 2020, p. 34).

Embora as características físicas sejam determinantes no personagem, sua personalidade é de igual modo relevante. Crane é um arrivista, sua ambição e ganância superam as aspirações da calma comunidade em que vive, e o desejo pela mão da jovem Katrina Van Tassel, revela-se interesseiro, baseado em mero enriquecimento e em um desejo de elevação social. Mesmo sendo valorizado por seu intelecto e conhecimento, Ichabod Crane é extremamente supersticioso, um leitor voraz de livros de bruxaria que, influenciados pela região supostamente enfeitiçada, tornavam-se ainda mais interessantes em seu ponto de vista.

Ichabod Crane é o personagem principal em ambas as obras, mas é possível notar inúmeras diferenças em relação à sua adaptação. No filme, o contraste óbvio é sua carreira, que passa a ser a de um investigador criminal com total crença nos métodos científicos. O outro se deve ao seu ceticismo, atrelado ao ímpeto arrogante em não reconhecer a existência do sobrenatural mesmo diante das circunstâncias inexplicáveis que pairam no ar. O detetive só quebra sua descrença ao presenciar com seus próprios olhos o Cavaleiro sem Cabeça atacando uma vítima, e acaba entrando em estado de choque. O diretor Tim Burton expõe os motivos para tal relutância através do passado de Crane: “O comprometimento do herói com a razão nasceu de uma tensão entre um pai puritano e uma mãe bruxa, cujo embate violento de crenças deixou lacunas em sua memória, que vão sendo preenchidas por sonhos ruins” (WOODS, 2011, p. 402).

A atmosfera mística de *Sleepy Hollow* é responsável por trazer à tona traumas de infância vividos pelo herói de Burton, que viu a mãe, acusada de bruxaria, ser assassinada por seu pai, um homem extremamente religioso. A falsa virtude de seu pai e a memória trágica da morte de sua mãe moldam o caráter do personagem, levando-o a se fechar em torno de si mesmo usando da ciência como válvula de escape para sua crise. A medida em que se aprofunda no caso do Cavaleiro, as visões de sua mãe bruxa se tornam frequentes, servindo de ajuda para a aceitação do elemento místico em sua vida. O autor Joseph Campbell (1997), em seu livro “O Herói das Mil Faces”, estabelece o auxílio sobrenatural como um fator inicial na trajetória de um protagonista.

Para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou um

ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se. [...] Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as consequências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado. (p. 39-40)

As motivações de Burton para inserir essa carga psicológica ao personagem refletem o desejo do diretor por uma redenção de Ichabod Crane, que se tornara frio e egoísta. Sendo assim, a oportunidade de resolver o mistério e salvar a comunidade se transforma em uma missão pessoal por meio da qual o herói possa provar seu valor. A adaptação coloca sob os holofotes um personagem literário que, em sua concepção, refletia características negativas. O personagem de Irving era um indivíduo desajustado, que foi rejeitado e expulso da cidade. Seu caráter duvidoso moldou sua imagem ao longo do tempo. Mas, para o filme de Tim Burton, não houve essa conclusão. “[...] a verdadeira rebelião de Burton é não ver Ichabod como um excluído estranho, e sim uma figura com a qual se identificar.” (WOODS, 2011, p. 405). Derrotar o cavaleiro e conquistar o amor de Katrina Van Tassel, foi o resultado da nova visão de Ichabod Crane, que transcende a obra literária para recontar a história da lenda de Sleepy Hollow.

6. A ADAPTAÇÃO COMO VALORIZAÇÃO

A icônica cena da perseguição de Crane pelo Cavaleiro sem Cabeça no conto ganha um curto espaço dentro do roteiro do filme. A chegada do detetive ao vilarejo causa um alvoroço nos moradores, e as altas expectativas em torno do êxito na investigação faz com que alguns se sintam desconfiados e até mesmo incomodados com a presença do forasteiro. Um deles é próprio Brom Bones (Robert Van Dien), que sente ciúmes desde a primeira vez que vê Ichabod conversando com Katrina e, sabendo da relutância do detetive em acreditar na história do Cavaleiro sem Cabeça, planeja assustá-lo. Ao cruzar a ponte do vilarejo à noite, galopando com cautela, e aparentemente tenso, Ichabod escuta o relinchar de um cavalo. A imediata reação se assemelha com o descrito no conto. Quando o personagem pergunta “Quem está aí?” ao notar a figura de um homem sem cabeça, montado a cavalo com uma abóbora em mãos, temos um tributo visual à narrativa de Washington Irving.



Figura 4- Cavaleiro sem Cabeça empunhando a abóbora (Sleepy Hollow, 1999).

No conto, após a rejeição de Katrina Van Tassel, um cabisbaixo Ichabod parte de volta para seu lar, numa noite escura e nebulosa, cercado de pensamentos negativos que logo dão lugar ao medo sob a influência das histórias de fantasmas que escutou durante a festa em que estava. As fortes superstições fragilizam a mente do professor, que sucumbe ao presenciar a manifestação sobrenatural do cavaleiro em seu encalço. “[...] Ichabod ficou horrorizado ao perceber que ele não tinha cabeça! Mas seu horror cresceu ainda mais ao ver que a cabeça, que deveria repousar sobre os ombros, era levada diante dele na maçaneta da sela.” (IRVING, 2020, p. 79). A perseguição acaba com o cavaleiro arremessando algo em direção a Ichabod, que perde os sentidos. Na manhã seguinte, tudo que resta no local são os pedaços espalhados de uma abóbora e o chapéu do mestre-escola.

A narrativa cinematográfica se vale de todas as ferramentas dispostas para dar vida a este momento: o conjunto de sons, imagens e ambiente colaboram para uma completa construção de cena que resulta na demonstração visual daquilo que Irving pretendia alcançar literariamente. Burton ainda se permite ir além: após Crane ser atingido pela abóbora e desmaiar, o diretor incluiu uma importante cena na narrativa, que revela ao espectador que tudo não passava da farsa orquestrada por Brom Bones e seus comparsas. Esta questão é cercada de ambiguidade no conto, e a ideia de adicionar tal detalhe traz ao leitor/espectador um sentimento de identificação com o texto-fonte da adaptação.



Figura 5- Brom Bones se revela na fantasia de Caveleiro sem Cabeça (Sleepy Hollow. 1999)

Considerando todas as divergências existentes na comparação da obra literária com a cinematográfica, é possível listar esse momento como sendo um dos responsáveis por construir a ponte ligando ambas criações. Na adaptação, a ideia de afastar Ichabod de Katrina e de Sleepy Hollow permanece viva nas motivações de Brom Bones, mesmo com todo o contexto da narrativa alterado e com os pilares construídos pelo diretor excluindo a disputa direta entre eles pelo coração da jovem. Ainda assim, existe um pequeno vislumbre do que Irving idealizou em sua obra.

Nesse caso, da parte do diretor existe a vontade de aproximar-se do texto-fonte, dando-lhe projeção. A valorização de uma obra mediante sua adaptação decorre da tentativa de tornar determinados textos “relevantes” ou compreensíveis para novos leitores. Como argumenta Sanders (2006, p. 19-22), os processos de aproximação e atualização (*proximation and updating*) cumprem o papel de entregar para novas audiências uma visão atual do conto. A autora ainda conclui que esse desejo de se relacionar com a matriz demonstra a forma como as adaptações tendem a ser cúmplices na ativação e reativação do cânone de textos literários e escritores, mesmo quando parecem desafiar os mesmos. Estes elementos podem ser responsáveis por moldar a opinião dos espectadores em relação à obra fílmica e faz com que o público acabe por cair na tentação de medir seu valor pela questão da fidelidade. No entanto, tal discurso é combatido veementemente por Robert Stam:

Quando dizemos que a adaptação foi "infiel" ao original, o termo dado expressa a decepção que sentimos quando uma adaptação cinematográfica não consegue capturar o que vemos como características narrativas, temáticas e estéticas fundamentais de sua fonte literária. [...] A noção de fidelidade ganha sua força persuasiva a partir do nosso sentido de que algumas adaptações são realmente melhores do que outras e que algumas adaptações não percebem ou comprovam o que mais apreciamos nos romances de origem. (STAM, 2000, p. 54., tradução nossa)¹¹

Dessa forma, é necessário compreender a adaptação como um produto novo, independente, e autossuficiente, que deve ser livre dos julgamentos de fidelidade como parâmetros de aprovação. Pois, assim como defende Hutcheon (2006), “[...] a arte é derivada de outra arte; histórias nascem de outras histórias” (tradução nossa, p. 2)¹². A obra de Irving é a base para que o filme de Burton construa sua interpretação e, conseqüentemente, alcance sua própria identidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da literatura para cinema, *The Legend of Sleepy Hollow* se construiu e desconstruiu-se entre perdas e ganhos que contribuíram de forma única na formação de uma nova narrativa. Neste sentido, por meio da análise comparada, podemos perceber que o elemento sobrenatural se expandiu e causou um impacto mais profundo do que pretendia Washington Irving em sua obra. Enquanto seu uso no conto se limitou ao estabelecimento de dúvidas e ambiguidades em torno de sua veracidade, na adaptação criaram-se ramificações criativas e independentes, que fizeram uma base sólida para que o personagem do Cavaleiro sem Cabeça fosse reaproveitado e inserido no enredo com total grandeza. Tim Burton cumpre também a missão nos dar uma nova visão sobre Ichabod Crane, que dessa vez pode ser identificado como um herói e não como um personagem covarde e ganancioso.

Entendemos a importância das adaptações como veículos de valorização da literatura, além de formas de arte que podem e devem ser vistas com um olhar crítico que não se prenda ao discurso reducionista da fidelidade. Além disso, o conto *The Legend of*

¹¹ Do original: “When we say an adaptation has been “unfaithful” to the original, the term given expression to the disappointment we feel when a film adaptation fails to capture what we see as fundamental narrative, thematic, and aesthetic features of its literary source. [...] The notion of fidelity gains its persuasive force from our sense that some adaptations are indeed better than others and that some adaptations fail to realize or substantiate that which we most appreciate in the source novels.” (STAM, 2000, p. 54)

¹² Do original: “[...] art is derived from other art; stories are born of other stories.” (HUTCHEON, 2006, p. 2)

Sleepy Hollow e as demais obras de Irving permanecem merecendo toda a honra que receberam no tempo de suas publicações, resistindo aos séculos e mostrando o motivo de serem o marco inicial da literatura estadunidense. Portanto, a escolha do diretor Burton não poderia ser melhor, e, sob de sua perspectiva, faz nascer um filme que não só transcende o texto-fonte, como também o homenageia.

8. REFERÊNCIAS

BELOK, Michael V. **Defining the American: Schoolbooks of the Early National Period**. In: *Journal of Thought*. Vol 2, no. 4, Nov. 1967, p. 39-47. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42588038?seq=1>. Acesso em: 18/05/2022

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CRAWFORD, Benjamin. **By Supernatural Means: Environment and Ambiguity in Irving's The Legend of Sleepy Hollow**. ISLE: Interdisciplinary Studies in Literature and Environment, Volume 28, Issue 4, Winter 2021, p. 1507–1533. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/isle/isaa119>. Acesso em 20/05/2022

CROW, Charles L. **American gothic: from Salem witchcraft to H.P. Lovecraft an anthology**. Malden, Mass: Wiley-Blackwell, 2013

HUTCHEON, Linda. **A Theory of Adaptation**. New York: Routledge, 2006.

IRVING, Washington, **A lenda de Sleepy Hollow, ou a lenda do cavaleiro sem cabeça** / Washington Irving; tradução de Camila Fernandes. – São Caetano do Sul, SP: Wish, 2020.

LEARY, Lewis. **Washington Irving - American Writers 25**: University of Minnesota Pamphlets on American Writers. NED-New edition, University of Minnesota Press, 1963. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttfn6>. Acesso em 20/05/2022.

LOVECRAFT, H.P. **O horror sobrenatural na literatura**. Tradução João Guilherme Linke. Rio de Janeiro. 1987.

OLIVEIRA, Renato da Silva. **A alegoria em Rip Van Winkle: diálogos entre literatura e cinema**, 2018. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2018.

POE, Edgar Allan. **A Filosofia da composição**. In: POE, Edgar Allan. Poemas e ensaios. Tradução de Oscar Mendes, Milton Amado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

QUINN, Arthur Hobson. **Some Phases of the Supernatural in American Literature**. PMLA, vol. 25, no. 1, 1910, p. 114–33. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/456813>. Acesso em 20/05/2022.

RUBIN-DORSKY, Jeffrey. **The Value of Storytelling: Rip Van Winkle and The Legend**

of Sleepy Hollow in the Context of The Sketch Book. *Modern Philology*, vol. 82, no. 4, 1985, p. 393–406. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/437029>. Acesso em: 18/05/2022.

SANDERS, Julie. **Adaptation and Appropriation.** London and New York: Routledge, 2006.

SLEEPY HOLLOW. Direção: Tim Burton. Estados Unidos: 1999, 145min.

SMITH, Greg. **Supernatural Ambiguity and Possibility in Irving's The Legend of Sleepy Hollow.** *The Midwest Quarterly*, 2001, p. 174-182. Disponível em: <https://api.semanticscholar.org/CorpusID:169231413>. Acesso em: 23/05/2022

STAM, Robert. **Beyond Fidelity: The Dialogics of Adaptation.** New Brunswick: Rutgers. James Naremore ed. 2000.

WOODS, Paul A. **O estranho mundo de Tim Burton.** Tradução de Cassius Medauar. São Paulo: Leya, 2011.